

DEMONSTRATIVOS NA ROMÂNIA MEDIEVAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL

César Nardelli CAMBRAIA *

Teresa Cristina Alves de MELO**

Cynthia Elias de Leles VILAÇA ***

Thiago César Viana Lopes SALTARELLI****

- RESUMO: Neste trabalho, apresentamos um estudo comparado de demonstrativos na tradução medieval em diferentes línguas (latim, italiano, francês, catalão, espanhol e português) de uma mesma obra (tratado ascético de Isaac de Nínive) em uma perspectiva funcional. Confirmou-se a hipótese de que os sistemas de demonstrativos se reestruturaram, no processo de mudanças linguísticas do latim às línguas românicas, não apenas em termos de formas, mas, sobretudo, em termos de funções: os demonstrativos passaram a exercer funções que, no latim, eram expressas por conjunção, locução explicativa, participio presente, pronome relativo, pronome anafórico e de identidade, pronome intensivo e mesmo por ausência de recurso formal. Por fim, verificou-se que o contexto em que houve maior retenção do uso de demonstrativos foi o de expressão de contraste imediato.
- PALAVRAS-CHAVE: Linguística histórica. Linguística românica. Funcionalismo. Demonstrativos. Latim. Línguas românicas.

Introdução

A complexidade dos demonstrativos já tem chamado a atenção de linguistas há certo tempo (por exemplo, os trabalhos clássicos de Brugmann (1904) e de Bühler (1934)) e recentemente têm aparecido estudos que se concentram apenas nesta categoria

* UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras. Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil. 31270-901 - nardelli@ufmg.br

** UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras. Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil. 31270-901 - teresacristinamelo@yahoo.com.br

*** UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Letras. Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil. 20550-900 - cynthiavilaca@gmail.com

**** UFU - Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia - Minas Gerais - Brasil. 38408-100 -saltarelli@outlook.com

linguística, mas abrangendo dados de diversas línguas, com vistas à identificação de seus aspectos universais e particulares (DIESEL, 1999; DIXON, 2003).

Para Diessel (1999), os demonstrativos (a) são expressões dêiticas que servem para funções sintáticas específicas (servindo como pronomes independentes, modificadores de nomes ou advérbios locativos); (b) geralmente servem para funções pragmáticas específicas (usados primeiramente para focalizar a atenção do ouvinte em um objeto ou em locações na situação de fala, mas também para organizar o fluxo de informação no discurso em andamento); e (c) são caracterizados por traços semânticos específicos, contrastando o proximal (referência a entidade próxima do centro dêítico) e o distal (indicação de que o referente está a certa distância do centro dêítico), embora haja línguas em que o demonstrativo seja neutro quando à distância.

Apesar de os sistemas de demonstrativos românicos nominais (pronomes independentes e modificadores de nome) derivarem de uma mesma matriz (o sistema latino), apresentam hoje grande diversidade em sua configuração (LAUSBERG, 1981).

Lamentamos que a ausência de descrições sistemáticas, realizadas exatamente sob os mesmos parâmetros, tanto para o latim quanto para as diversas línguas românicas em suas diferentes fases históricas, dificulte sensivelmente a tarefa de até mesmo reconhecer os padrões efetivos de organização dos sistemas de demonstrativos. (CAMBRAIA; BIANCHET, 2008).

Funcionalismo

Como esclarece Neves (1997), entende-se por gramática funcional uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que se encaixa em uma teoria global da interação social e que considera que a gramática está sujeita a pressões do uso. Neves (1997) assinala ainda que o paradigma funcional se caracteriza pelos seguintes aspectos: (a) define a língua como instrumento de interação social; (b) considera que a principal função da língua é a comunicação; (c) tem como correlato psicológico a competência comunicada, entendida como a habilidade de interagir socialmente por meio da língua; (d) defende que o sistema linguístico deve ser estudado dentro do quadro do uso; (e) exige que a descrição linguística forneça dados para dar conta de seu funcionamento num dado contexto; (f) considera que a aquisição da linguagem se faz com a ajuda de um *input* extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural; (g) explica os universais linguísticos com base em restrições comunicativas, biológicas/psicológicas e contextuais; e (h) estabelece como prioridade a pragmática, quadro dentro do qual a semântica e sintaxe são estudadas.

Ademais, como assinalam Martelotta e Areas (2003), são premissas que fazem parte da concepção funcionalista de linguagem na visão de Givón (1995): (a) a linguagem é uma atividade sociocultural; (b) a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; (c) a estrutura é não-arbitrária, motivada e icônica; (d) a mudança e a variação estão sempre presentes; (e) o sentido é contextualmente dependente e

não-atômico; (f) as categorias não são discretas; (g) a estrutura é maleável e não-rígida; (h) as gramáticas são emergentes; e (i) as regras da gramática permitem algumas exceções.

Além disso, assume-se que a estrutura linguística deriva do discurso e é moldada por ele, tal como se verifica igualmente na abordagem defendida por Votre e Naro:

A hipótese fundamental desta proposta é que do uso da língua — a comunicação na situação social — origina-se a forma da língua, com as características que lhe são peculiares, inclusive, diferentes graus de instabilidade associados a diferentes subsistemas. Isso supõe entender a língua como um objeto maleável, probabilístico e não-determinístico. Portanto, nessa visão, a estrutura (ou forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala. (VOTRE; NARO, 1996, p.51-52).

Um modelo funcionalista que tem se mostrado especialmente produtivo para o estudo da mudança linguística é o modelo tipológico-funcional de Givón (2001), em função de sua capacidade de integrar uma orientação *funcionalista*, que enfatiza a função comunicativa da linguagem na análise e se fundamenta no estudo da língua no seu contexto de uso, a uma orientação *tipológica*, que procura dar conta da diversidade linguística.

Givón (2001), na versão mais recente do seu modelo teórico, classifica os demonstrativos como formas que se encaixam tanto na classe de determinantes (frequentemente átonos e clíticos) quanto na de pronomes independentes (normalmente tônicos e independentes)¹. Givón (2001) assinala ainda que certos tipos de morfemas gramaticais podem apresentar diferenciação formal mais nítida entre determinante e pronome independente (como acontece no francês *ce × celui*). Os pronomes - e, portanto, também os demonstrativos - são situados por Givón (2001) na interseção de dois domínios funcionais: o semântico e o discursivo-pragmático. Do ponto de vista semântico, os pronomes, em seu paradigma clássico, são morfemas gramaticais que codificam traços classificatórios, dentre os quais mais comumente pessoa ou participantes de ato de fala [PAF] (falante = 1ª pessoa; ouvinte = 2ª pessoa; não-PAF = 3ª pessoa), dêixis espacial relativa aos PAFs (proximidade e/ou visibilidade do falante ou do ouvinte), número (singular, dual, plural), classe ou gênero (masculino, feminino, neutro, etc.), e caso (sujeito, objeto direto, etc.; ergativo ou absolutivo; agente, paciente, etc.). Givón (2001) lembra, porém, que a orientação espacial dos demonstrativos pode ser expandida para orientação temporal frente a algum ponto de referência no tempo. Do ponto de vista discursivo-pragmático, os pronomes fazem parte dos recursos que estão no cerne da gramática da coerência referencial, a saber: anáfora-zero, pronomes anafóricos átonos (em que se encaixam os demonstrativos como determinantes),

¹ Na tradição gramatical, costuma-se nomear esses tipos como *pronome adjetivo* e *pronome substantivo*.

pronomes independentes tônicos (dos quais fazem parte os demonstrativos como pronomes) e os SNs plenos definidos.

É justamente porque os demonstrativos desempenham distintas funções (codificação semântica de pessoa e/ou espaço e codificação discursivo-pragmática de coerência referencial) que seu sistema apresenta grande complexidade. Pode-se dizer que consiste em um sistema em permanente “tensão” em função da competição entre diferentes pressões funcionais:

O fato de a gramática das orações codificar simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática tem grandes consequências. Uma vez que as exigências de codificação das duas estão frequentemente em conflito, a estrutura resultante é um compromisso adaptativo entre as *pressões funcionais em competição*.² (GIVÓN, 2001, v.1, p.19, grifos do autor, tradução nossa).

Apesar de se adotar na pesquisa que ora se apresenta o modelo tipológico-funcional de Givón (2001), deve-se salientar que se acolhe aqui a ponderação de se trabalhar, a princípio, com uma abordagem *moderada* de funcionalismo, tal como defendida por Votre e Naro:

Não negamos a existência de estrutura, pelo contrário queremos entender as suas motivações básicas, admitindo que essas podem ser exclusivamente diacrônicas em determinadas situações. Entretanto, julgamos oportuno observar que alguns funcionalistas não compartilham de nossa *posição moderada*, considerando [os referidos funcionalistas] que a estrutura não possui existência independente do uso da língua [...] (VOTRE; NARO, 1996, p.52, grifo nosso).

Hipótese de trabalho

Tendo em vista os princípios postulados no quadro do funcionalismo, tomaremos como hipótese de trabalho a ideia de que *os sistemas de demonstrativos terão se reestruturado, no processo de mudança linguística do latim às línguas românicas, não apenas em termos de formas, mas sobretudo em termos de funções*. Diversos estudos já descreveram essas mudanças do ponto de vista formal, mas raros são os estudos comparados com base empírica que analisaram a questão do ponto de vista funcional.

² “That fact that clausal grammar codes simultaneously propositional-semantic information and discourse-pragmatic function has far reaching consequences. For the coding requirements of the two are often in conflict, so that the resulting structure is an adaptive compromise between the competing functional pressures.”

Metodologia

O estudo comparado de línguas românicas em fases pretéritas esbarra sempre em inúmeras dificuldades. Certamente a dificuldade mais importante, considerando a perspectiva funcionalista, está na identificação de textos, senão de mesma natureza, pelo menos de natureza fortemente semelhante: como é possível realizar uma comparação rigorosa do ponto de vista funcional, se, em textos diferentes, os contextos em que as funções se manifestarem também forem diferentes? Em função disso, uma estratégia interessante é trabalhar com textos paralelos, ou seja, textos com mesmo conteúdo, mas em línguas diferentes, caso em que as traduções se mostram como os exemplos mais típicos.

O estudo que se apresenta aqui seguiu essa diretiva: o *corpus* constituiu-se das traduções medievais em latim, italiano, francês, catalão, espanhol e português do chamado *Livro de Isaac*. Essa obra consiste em um tratado ascético escrito pelo anacoreta Isaac de Nínive (século VII) em siríaco, a qual foi traduzida em seguida para o grego (por volta do século VIII), deste para o latim (por volta do terceiro quarto do século XIII), e em seguida para as línguas românicas (CAMBRAIA, 2000). Como não há edição crítica dessa obra para todas as línguas citadas, optou-se aqui por analisar os demonstrativos presentes em apenas um testemunho de cada língua (exceto no caso do espanhol, como se explicará adiante). Os testemunhos adotados foram os seguintes (todos são manuscritos, exceto o de Sevilha, que é um impresso)³:

- (a) Latim (*L*): Milão, Biblioteca Pinacoteca Accademia Ambrosiana, A 49 sup., s. XIII, ff. 1^r-75^v;
- (b) Italiano (*I*): Florença, Biblioteca Riccardiana, Ricc. 1489, s. XIV, ff. 10^r-155^v;
- (c) Francês (*F*): Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 1489, s. XV, ff. 308^r-365^v;
- (d) Espanhol-1 (*E1*): Madri, Biblioteca do Palácio Real, II/795, a. , 1484, ff. 1^r-123^r;
- (e) Catalão (*C*): San Lorenzo de El Escorial, Real Biblioteca do Monastério, n.I.16, s. XV, ff. [0^r]-69^r;
- (f) Espanhol-2 (*E2*): Sevilha, , a. , 1497, ff. 127^v-162^v;
- (g) Português (*P*): Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 50-2-15, 2^a met. do s. XV, ff. 1^r-114^r.

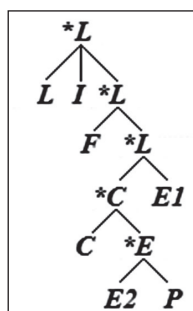
Convém apresentar algumas informações sobre a tradição latino-românica do *Livro de Isaac* para permitir uma melhor compreensão do que representam esses testemunhos.

A tradição latina manuscrita está composta de aprox. 100 testemunhos manuscritos, sendo *L* um dos mais antigos e com o texto mais fiel ao texto original (CAMBRAIA; LARANJEIRA, 2010). A tradição italiana compõe-se de aproximadamente 25 testemunhos manuscritos, sendo *I* o mais completo e fiel dentre os mais antigos

³ Apresentaremos os dados de *C*, *E2* e *P* sempre em seguida, para facilitar a percepção da influência que o modelo de um exerce sobre o outro, uma vez que, como será explicado mais adiante, a rota tradutória terá sido catalão > espanhol (representado por *E2*) > português.

(VILAÇA, 2012). A tradição francesa consiste em apenas um testemunho manuscrito (MELO, 2010): *F*. A tradição catalã compreende 3 testemunhos (contando com duas traduções independentes, uma delas fragmentária): *C* é o testemunho mais completo (CAMBRAIA; CUNHA, 2008). A tradição espanhola divide-se em duas traduções independentes, sendo uma – *E1* – derivada provavelmente da tradução latina e outra – *E2* – da catalã. A tradição portuguesa está composta de 4 testemunhos manuscritos: *P* é o mais fiel e completo, derivado de tradução espanhola (a tradição portuguesa está vinculada à de *E2*, mas não diretamente a este testemunho). As tradições italiana, francesa, catalã e espanhola de *E1* são derivadas diretamente da latina (embora não necessariamente de um mesmo testemunho latino). Veja-se abaixo uma representação simplificada da relação genética⁴ entre esses testemunhos, adaptada de Avellar (2011, p.4), onde **L* (= testemunho(s) latino(s) hipotético(s)), **C* (=testemunho catalão hipotético) e **E* (= testemunho espanhol hipotético):

Figura 1 – Estema simplificado



Fonte: Elaboração própria com base em Avellar (2011, p.4).

É importante esclarecer que este estema simplificado tem o objetivo apenas de evidenciar a relação entre os 7 testemunhos usados como fonte para o presente estudo: estima-se que haja diversos testemunhos intermediários (hipotéticos e superstites) entre os assinalados, mas ainda assim o estema permite ver com clareza a sua relação em termos de ramos da tradição.

O estema evidencia também a necessidade de sempre ponderar a interpretação dos dados em função do tipo de influência exercida pelo modelo: em *I*, *F*, *E1* e *C* se supõe influência do modelo latino, mas em *E2* e em *P* as influências seriam respectivamente do modelo catalão e do espanhol. Cabe salientar também que, dada a profusão de testemunhos latinos dessa obra na Europa medieval, há que se considerar a influência latina também nestes dois últimos, por contaminação na tradição, ou seja, consulta simultânea a modelos em língua românica e em latim (CAMBRAIA, 2005).

⁴ Para mais discussões sobre a relação genética entre os testemunhos, ver Cambraia (2002, 2010) and Cambraia, Melo e Vilaça (2008/2009).

Naturalmente, essas ponderações levantam imediatamente a dúvida sobre a produtividade de se trabalhar com textos traduzidos, mas a essa objeção pode-se argumentar que: (a) a interferência da língua latina na Idade Média era generalizada e não se trata aqui de um caso isolado⁵ e (b) o sistema de demonstrativos nesses textos, ainda que com influência latina, deve representar, mesmo que parcialmente, o sistema em uso, caso contrário os textos obviamente não seriam compreendidos pelos leitores daquela época.

Dada a complexidade de se trabalhar com textos tão particulares, impôs-se uma coleta por amostragem: coletaram-se todos os dados ao longo do primeiro capítulo da tradução latina (composto aproximadamente de 3300 palavras) e dos capítulos respectivos nas traduções românicas (que normalmente aparecem divididos em mais de um capítulo). Os excertos aparecem reproduzidos de forma conservadora⁶ (CAMBRAIA, 2005), mas com desenvolvimento de abreviaturas (sem sua indicação com itálico) e com inclusão de separação vocabular com espaço ou apóstrofo, ambos os procedimentos para facilitar o trabalho do leitor.

Novamente dada a complexidade dos dados, foi necessário diferenciar os demonstrativos contrastivos [= DCs] (os que se opõem em termos de espaço e/ou pessoa, como os do sistema *este/esse/aquele* do português) e os demonstrativos não contrastivos [= DNCs] (os que não participam do sistema de oposição aludido, como a forma *o* do português): foram consideradas DNCs as formas *ciò* do italiano, *ce* do francês, *çò* do catalão, *el/lo* do espanhol e *o* do português. Uma segunda diferença fundamental entre DCs e DNCs é a possibilidade de expressão de exófora e endófora por aqueles, enquanto estes exprimem apenas endófora (seja como anáfora, seja como catáfora).

A coleta dos dados teve como referência os DCs e suas flexões: latim *hic/iste/ille*; italiano *questo/codesto/quello*; francês *cist/cil*; catalão *aquest/aqueix/aquell*; espanhol *este/ese/aquel*; e português *este/esse/aquele*⁷ – bem como suas variantes reforçadas (como francês *icil*, espanhol *aqueste*, português. *aqueste*, etc.). Para cada ocorrência dessas formas no *corpus*, buscou-se a expressão correspondente nas demais traduções, mesmo que não estivessem sendo expressas com DCs – esta é, aliás, uma das tarefas centrais deste estudo: conhecer as diferentes expressões formais de uma mesma função.

⁵ Basta lembrar aqui a tese de Maurer Jr. (1951) de que a unidade da România ocidental está relacionada, dentre outros aspectos, à influência latina culta. Essa influência foi de fato constatada em estudo sobre o léxico da religião em latim, italiano, francês e português nas traduções da obra do Isaac que são tema do presente estudo (CAMBRAIA; MELO; VILAÇA, 2013).

⁶ As transcrições foram adaptadas das seguintes fontes: *L*, Cambraia e Laranjeira (2010); *I*, Vilaça (2008); *F*, Melo (2010); *E1* e *E2*, França (2004); *C*, Avellar (2011). A de *P* foi realizada diretamente do manuscrito. Dada a adoção de reproduções curtas nos exemplos, optamos por suprimir todos os sinais de pontuação, uma vez que em nada iriam contribuir para a inteligência dos exemplos.

⁷ Para facilitar a referência genérica a essas formas, utilizamos as seguintes siglas: em sistemas ternários (*L*, *I*, *E1*, *C*, *E2* e *P*), *F1*, para a primeira da série; *F2*, para a segunda; e *F3*, para a terceira; em sistemas binários (*F*), *F1*, para a primeira da série; e *FII* para a segunda da série.

Descrição dos dados

Aplicado o método de coleta de dados acima descrito, foi possível identificar 244 lugares do *corpus* em que em uma ou mais língua apresentava uma forma de DC.

Inventário

Nesta seção, apresentamos o inventário dos DCs coletados no *corpus* da presente pesquisa, acrescentando alguns comentários necessários. Nas tabelas abaixo, o número subscrito após a forma representa o número de ocorrências no *corpus*. Como para *L*, *E1*, *C*, *E2* e *P* não há sistemas diferenciados para determinante e pronome independente (exceto no caso de neutro e *E1*, *C*, *E2* e *P*, que é sempre um pronome independente), não incluímos essa distinção nas tabelas: informamos em nota, porém, as formas da categoria que for menos frequente.

Tabela 1 – Tradução medieval latina⁸: *L*

Determinante ⁹ /Pronome independente							
	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.	n.p.	Total
F1	<i>hic</i> [nm.] ₃ , <i>huius</i> [gn.] ₅ , <i>hoc</i> [ab.] ₂	<i>hec</i> [nm.] ₁ , <i>hac</i> [ab.] ₁	<i>hoc</i> [nm.] ₄ , <i>hoc</i> [ac.] ₂ , <i>huic</i> [dt.] ₁ , <i>hoc</i> [ab.] ₄	–	–	<i>hec</i> [nm.] ₁ , <i>hec</i> [ac.] ₄ , <i>hiis</i> [dt.] ₁ , <i>hiis</i> [ab.] ₄	33 (59%)
F2	<i>iste</i> [nm.] ₁	–	<i>istud</i> [nm.] ₁	–	–	<i>istorum</i> [gn.] ₁	3 (5%)
F3	<i>ille</i> [nm.] ₃ , <i>illum</i> [ac.] ₁ , <i>illi</i> [dt.] ₂ , <i>illo</i> [ab.] ₂	<i>illam</i> [ac.] ₂ , <i>illa</i> [ab.] ₃	<i>illud</i> [nm.] ₁ , <i>illud</i> [ac.] ₂	<i>illos</i> [ac.] ₁ , <i>illis</i> [dt.] ₁	–	<i>illa</i> [ac.] ₁ , <i>illorum</i> [gn.] ₂	20 (36%)

Fonte: Elaboração própria.

Para o latim, houve uma ocorrência de *hic* que não foi computada na tabela 1 porque se trata na verdade de advérbio (em função de contraste *illic/hic*), como se vê no excerto 1 abaixo:

Exc. 1

*L: illic enim sollicitudo est necessaria hic uero dilatatio cordis (f. 1v20)[“lá então (onde) a sollicitude é necessária, aqui (há) verdadeiramente a extensão do coração”]*¹⁰

⁸ Abreviações: nm. = nominativo; gn. = genitivo; ac. = acusativo; dt. = dativo; ab. = ablativo.

⁹ Determinantes (22%): *hac*₁ (f.s.) [ab.], *hoc*₂ (m.s.) [ab.], *huius*₅ (m.s.) [gn.], *illa*₁ (f.s.) [ab.], *illo*₁ (n.s.) [ab.], *illum*₂ (f.s.) [ac].

¹⁰ Ao longo de todo este texto, usaremos itálico nos exemplos para identificar as formas em discussão.

É interessante notar, na tabela 1, a existência do uso de F2 em *L* apenas sem seu valor tradicional de referência ao interlocutor: constata-se o resultado de uma tendência que há havia sido assinalada por Keller (1946) no latim clássico.

Tabela 2 – Tradução medieval italiana: *I*

	Determinante ¹¹ /Pronome independente				Pronome independente			Total
	m.s.	f.s.	m.p.	f.p.	m.s.	f.s.	m./f.p.	
F1	<i>questo</i> ₁₃	<i>questa</i> ₄	–	<i>queste</i> ₇	<i>questi</i> ₄	–	–	28(35%)
F2	–	–	–	–	–	–	–	–
F3	<i>quel</i> ₂ , <i>quello</i> ₅	<i>quella</i> ₇	<i>quelli</i> ₂	<i>quelle</i> ₁₀	<i>quegli</i> ₄ , <i>colui</i> ₁₂	–	<i>coloro</i> ₁₁	53 (65%)

Fonte: Elaboração própria.

É interessante notar em relação ao italiano o fato de não ter aparecido nenhuma ocorrência das formas de F2, a saber, *codesto* e flexões.

Tabela 3 – Tradução medieval francesa¹²: *F*

	Determinante				Pronome independente					Total	
	m.s.	f.s.	m. p.	f.p.	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.		
CS	<i>cis</i> ₁	<i>ceste</i> ₁	–	<i>ces</i> ₂	<i>cis</i> ₂ , <i>cis ci</i> ₃	<i>ceste</i> ₁	–	–	–	10 (14,3%)	
FI	CRd	–	–	–	<i>ces</i> ₃	–	–	<i>est</i> ₁	–	4 (5,7%)	22 (31,4%)
	CRi	<i>cest</i> ₂	<i>ceste</i> ₂	–	<i>ces</i> ₃ , <i>ices</i> ₁	–	–	–	–	8 (11,4%)	
CS	–	–	–	–	<i>cil</i> ₄ , <i>celi(?)</i> ₁ , <i>celui</i> ₁	–	–	–	<i>ical(?)</i> ₁	7 (10%)	
FII	CRd	–	<i>cele</i> ₂ , <i>celle</i> ₂	–	–	<i>celui</i> ₁	–	–	<i>ceuls</i> ₁ , <i>celles</i> ₁ , <i>icelles</i> ₁	8 (11,4%)	48 (68,6%)
	CRi	<i>cel</i> ₂	<i>celle</i> ₆	–	–	<i>celi(?)</i> ₂ , <i>celui</i> ₃ , <i>icelui</i> ₁	<i>celle</i> ₁ , <i>icelle</i> ₃	–	<i>cil</i> ₁ , <i>ceuls</i> ₇ , <i>iceuls</i> ₂ , <i>icelles</i> ₃ , <i>iceus</i> ₁	33 (47,1%)	

Fonte: Elaboração própria.

¹¹ Determinantes (33%): *questo*, *questa*, *queste*, *quel*, *quella*, *quelli*, *quelle*. É digna de nota aqui a forma *quel*, que só aparece como determinante no *corpus*: a ausência de vogal final (frente *aqueello*) se deve justamente à sua condição de forma proclítica, portanto, dependente de um núcleo.

¹² Abreviações: CS = Caso sujeito; CRd = Caso regime direto (não preposicionado); CRi = Caso regime indireto (preposicionado).

No que se refere ao francês, houve alguns dados, incluídos na tabela respectiva, que são incomuns. Há 3 ocorrências de *celi* como pronome independente masculino singular, mas a forma *celi* do francês medieval era usada para feminino singular para o caso regime indireto (MARCHELLO-NIZIA; PICOCHÉ, 1998): é possível que se trate de um erro do copista, que terá omitido o *u* da forma de masculino *celui*, como se vê no excerto 2 abaixo:

Exc. 2

F: Aussi comme cil qui ne uoit le soleil de ses yex ne puet a aucun fors de son oie seulement reciter la lumiere de *celi* (f. 312v20-22) [“Assim como aquele que não vê o sol com seus olhos não pode a nenhum outro apenas de seu ouvido descrever a luz *daquele* (sol)”]

Como essa forma ocorreu 3 vezes, pode haver uma outra explicação: no processo de desaparecimento da forma *celi* (ausente do francês moderno), é possível que esta tenha sido confundida com *celui*, sendo aquela interpretada como uma variante fonológica desta.

Outra ocorrência imprevista é a de *cil* como masculino plural como pronome independente no caso regime indireto, apesar de normalmente servir para caso sujeito, sendo *ceuls* a mais comum para caso regime (direto ou indireto):

Exc. 3

F: Ce est a savoir des fausaires et de *cil* qui vendent les devins parlemens (f. 311v10-11) [“A saber: de falsários e *daqueles* que vendem as divinas palavras”]

Também para esse caso, parecem ser possíveis as duas explicações anteriores: falha de copista ou sincretismo entre formas (já que *cil* também desapareceu).

A ocorrência de *ical* para feminino plural no caso sujeito também é incomum, pois a forma esperada seria *celles* ou ainda a reforçada *icelles*: talvez terá havido confusão do copista.

Exc. 4

F: Mais se mistrent en la mer de cest siecle a sauuer les ames des autres comme *ical* fussent encore malades et perdirent eus meismes de l'esperance de dieu (f. 310v19-22) [“Mas (eles) se lançaram no mar deste mundo para salvar as almas das outras, uma vez que *aquelas* ainda estavam doentes, e perderam a si mesmos da esperança de Deus”]

É também digno de nota o fato de já haver registro da combinação entre demonstrativo e advérbio, como no caso de *cis ci*, recurso que viria a se gramaticalizar no curso da história da língua francesa. É interessante verificar que, como já constatado por Dees (1971) em relação a seu *corpus*, o primeiro padrão combinação se dá entre as formas de mesmo teor - seja de proximidade (como em *cisci*), seja de distância - até aprox. 1350. Trata-se de um dado curioso, pois Ouy (1999, t. 1, p.303) propôs como

datação para *F* aproximadamente 1425: supõe-se então que a linguagem de *F* seja conservadora, como é comum em textos religiosos.

Por fim, há a forma *est*, que é curiosa, uma vez que as formas do francês geralmente apresentam um *c-* como resquício do *ecce* latino de reforço. Trata-se provavelmente de arcaísmo, já que aparece em textos muito antigos, como a *La Vie de Saint Alexis* (s. XI): “*De tot est mond somes nos jugedor*” (GODEFROY, 1885, v. 4, p.618, grifo do autor).

Tabela 4 – Tradução medieval espanhola: *E1*

Determinante ¹³ (exceto n.s.)/pronomes independente						
	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.	Total
F1	<i>este</i> ₁₁	<i>esta</i> ₇	<i>esto</i> ₂₁ , <i>aquesto</i> ₁	–	<i>estas</i> ₅	45 (48%)
F2	–	<i>essa</i> ₂	<i>esso</i> ₁	<i>essos</i> ₁	–	4 (4%)
F3	<i>aquel</i> ₁₇	<i>aquella</i> ₇	–	<i>aquellos</i> ₈	<i>aquellas</i> ₁₃	45 (48%)

Fonte: Elaboração própria.

É digna de nota a presença de uma ocorrência da forma reforçada neutra *aquesto*: quicá seja esse o contexto de maior resistência para sua perda.

Tabela 5 – Tradução medieval catalã: *C*

Determinante ¹⁴ (exceto n.s.)/pronomes independente						Total
	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.	
F1	<i>aquest</i> ₁₂	<i>esta</i> ₁ , <i>aquesta</i> ₅	<i>aço</i> ₁₁	–	<i>aquestes</i> ₁₃	42 (40%)
F2	–	–	–	–	–	–
F3	<i>aquel</i> ₂ , <i>aquell</i> ₁₆ , <i>cell</i> ₇	<i>aquella</i> ₆	<i>allo</i> ₃	<i>aquells</i> ₁₁ , <i>cells</i> ₆	<i>aquelles</i> ₁₂	63 (60%)

Fonte: Elaboração própria.

Há três aspectos que chamam a atenção nos dados do catalão: a ausência de F2 (*aqueix* e flexões), a presença de forma não reforçada (*esta*) e a presença das formas *cell* e *cells*. A prevalência de formas reforçadas (*aquest*, etc.) sugere que a linguagem seja da fase arcaica final, pois no princípio desta as reforçadas eram menos frequentes. A ausência de formas de F2 parece estar relacionada à questão do gênero textual, como se comentará mais adiante, ao final desta seção. Por fim, as formas *cell* e *cells*, em 13

¹³ Determinantes (38%): *este*₃, *esta*₇, *estas*₆, *essa*₂, *aquel*₂, *aquella*₅, *aquellos*₁, *aquellas*₅.

¹⁴ Determinantes (30%): *aquest*₆, *esta*₁, *aquesta*₂, *aquestes*₁₂, *aquell*₁, *aquella*₅, *aquelles*₄. Estes dados permitem perceber, frente à tabela 5, que *cell* e *cells* são formas reservadas para uso como pronomes independente.

ocorrências conjuntas, têm como especificidade aparecerem sempre como introdutor de oração relativa (exemplo: “*cell qui uol nobles uestirs no pot auer humjls cogitacions*”). Embora Badía i Margarit (1994, p.313) mencione a existência da forma correlata opositiva (*cest*), esta não apareceu no *corpus*.

Tabela 6 – Tradução medieval espanhola: *E2*

Determinante ¹⁵ (exceto n.s.)/pronome independente						
	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.	Total
F1	<i>este</i> ₆ , <i>aqueste</i> ₂	<i>esta</i> ₄	<i>esto</i> ₅ , <i>aquesto</i> ₁	–	<i>estas</i> ₉	73 (54%)
F2	–	–	<i>eso</i> ₂ , <i>esso</i> ₄	–	–	6 (4%)
F3	<i>aquel</i> ₂₇	<i>aquella</i> ₃	<i>aquello</i> ₁	<i>aquellos</i> ₁₇	<i>aquellas</i> ₆ , <i>aquallas</i> ₁	57 (42%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 7– Tradução medieval portuguesa: *P*

Determinante ¹⁶ (exceto n.s.)/pronome independente						
	m.s.	f.s.	n.s.	m.p.	f.p.	Total
F1	<i>este</i> ₁₁	<i>esta</i> ₆	<i>sto</i> ₅ , <i>esto</i> ₃₇ , <i>aquesto</i> ₁	–	<i>estas</i> ₉	69 (57%)
F2	–	–	<i>eso</i> ₁ , <i>esso</i> ₃	–	–	4 (3%)
F3	<i>aquel</i> ₁₈ , <i>aquell</i> ₃ , <i>aquela</i> ₁ , <i>aquella</i> ₁ , <i>aquella</i> ₂	<i>aquela</i> ₄ , <i>aquella</i> ₁	<i>aquelo</i> ₁	<i>aquelles</i> ₁₇	<i>aquellas</i> ₃	48 (40%)

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da segunda tradução espanhola (Tabela 6) e da portuguesa são muito semelhantes, apresentando resquícios de formas reforçadas e as formas de F2, como na outra tradução espanhola. No caso das formas reforçadas, *P* apresenta o mesmo padrão de *E1*, com apenas formas neutras, enquanto *E2*, apesar de ter uma de neutro, apresenta duas de masculino.

É interessante assinalar que, em todas as ocorrências de F2 em *P* e em quase todas em *E2*, o demonstrativo aparece acompanhado de *mesmo/meesimo*, sugerindo assim estar semanticamente relacionado à ideia de intensividade.

¹⁵ Determinantes (18%): *este*₂, *aqueste*₁, *esta*₃, *estas*₉, *aquel*₃, *aquella*₄, *aquellas*₃.

¹⁶ Determinantes (22%): *este*₃, *esta*₄, *estas*₉, *aquel*₃, *aquela*₃, *aquella*₃, *aquellas*₃. É interessante assinalar aqui que, diferentemente do italiano, a forma sem vogal final *aquel* não ocorre apenas como determinante no português medieval.

Comparando as tabelas, é possível notar primeiramente que, de forma geral, F2 tem pouquíssima expressão em *L*, *E1*, *E2* e *P*, e não ocorre em *I* e no *C* (nunca existiu em *F*). Uma possível explicação para a frequência baixa ou nula é a rara referência a interlocutor no texto nesse tipo de gênero textual: sendo um texto doutrinário ascético, praticamente não há oportunidade para referência ao interlocutor nem para diálogos.

Um segundo aspecto interessante é a diferença na preferência entre as formas de proximidade e/ou 1ª pessoa (F1 e F1) e as de distância e/ou 3ª pessoa (F3 e F11): *I*, *F* e *C* fazem uso mais frequente destas; e *E2* e *P*, daquelas. Para o *E1*, há empate¹⁷. Uma generalização possível seria a de que os sistemas de demonstrativos binários privilegiariam as formas de distância e/ou 3ª pessoa, enquanto os ternários privilegiariam as formas de proximidade e/ou 1ª pessoa ou, dito em uma perspectiva mais funcional, as mais frequentes seriam as formas não marcadas de cada sistema.

Padrões de relação

Nos dados coletados no *corpus* deste estudo, há basicamente 3 grandes padrões de relação.

a) *Emparelhamento de mesma classe*: presença do mesmo trecho com DC em todas as traduções.

Exc. 5

L: Labores *huius* seculi qui pro ueritate fiunt non comparantur delicijs (f. 1r14-15)

I: Gli exercitii *di questo* secolo li quali si fanno per uanitate. Non si aguagliano alle delitie (f. 10v13-15)

F: Li labeurs *de cest* siecle qui sont fait pour la nesescite du cors ne soient mie compare aus delices (f. 308v33-35)

E1: Los trabaio que *en este* siglo por la verdat se çufren; no tienen comparacion con los gozos y deleytes (f. 2r21-2v1)

C: Los trebaylls *dequest* secgla qui son fets per uerjtat no son comparables als deljts (f. 0vb21-22)

E2: Los trabajos *deste* mundo no son comparados a los deleytes (f. cxxvij-vb4-5)

P: E os trabalhos *deste* mundo ão som comparados aos deleitos (f. 4r16-17)

b) *Emparelhamento de classes diferentes*: presença do trecho com DC em uma ou mais traduções, mas não em todas, com expressão do conteúdo através de outro recurso formal explícito.

¹⁷ Em estudo exaustivo dos DCs das duas traduções espanholas (CAMBRAIA, 2008, p.2381-2382), apuraram-se os seguintes valores: *E1*, F1 670 (58%), F2 47 (4%), F3 439 (38%), total 1.156 (100%); *E2*, F1 728 (58%), F2 20 (2%), F3 494 (40%) e total 1.242 (100%). Os dados totais colocam, como esperado, o sistema ternário de *E1* no padrão de preferência pelas formas de proximidade e/ou 1ª pessoa (F1). Vê-se também que o *corpus* selecionado compreende aproximadamente a 11% das formas totais em cada tradução espanhola.

Exc. 6

L: Sicut secuntur *seminantes* in lacrimis manipuli exultationis (f. 1r16-17)

I: sicome *ad coloro che seminano* in lagrime seguitano bracciate di gioconditate (f. 10v16-18)

F: Auci comme les manieres des leecemens ensieuent *les semans* en lermes (f. 308v36-38)

E1: Ca assi como *aquellos que siembran* en lagrimas e lloros coxen fascas de soberano gozo (f. 2v3-6)

C: axi com *cells quj sembren* en lagrames consequexen guardo de gran alegria (f. 0v25-27)

E2: assi como *aquellos que siembran* en lagrimas alcançan galardom de grande alegria (f. cxxvij-vb7-9)

P: assy como *aquelles que semeã* as lagrimas alcãçam galardom de grande alegria (f. 4r18-19)

Veja-se que, em *L* e *F*, não há demonstrativo como nas demais traduções, mas sim um participio presente (lat. *seminantes* e fr. *semans*).

c) *Emparelhamento lacunoso*: presença do trecho com DC em uma ou mais traduções, mas não em todas, havendo casos sem expressão do conteúdo através de outro recurso formal explícito, como no seguinte caso¹⁸:

Exc. 7

L: et comprehendit illam rem pro qua christus aduenit Ø (f. 8v4-5)

I: et ae compreso quella cosa per la quale uenne christo Ø (f. 24r1-2)

F: et comrent celle chose pour la quelle ihesu crist vint Ø (f. 314v8-9)

E1: e comprehende aquella cosa por la qual hiesu christo vino en *el* mundo (f. 14r-12-13)

C: E a aquella cosa conseguda perla qual nostre senyor Jhesu christ uench en *aquest* secgla (f. 6vb15-17)

E2: e ha fallado aquella cosa: por la qual nuestro señor ihesu christo vino en *este* mundo (f. cxxxi-ra40-42)

P: e ha achada aquela cousa pola qual o nosso Senhor Jhesu christo ueeo ã *este* mundo (f. 14v4-5)

Veja-se que, em *L*, *I* e *F*, simplesmente não há o trecho em que aparece demonstrativo em *C* (*aquest*), *E2* (*este*) e *P* (*este*). Em *E1*, por outro lado, há o trecho, mas no lugar de DC aparece o artigo *el*.

Emparelhamento de mesma classe

Dos 244 pontos do texto com DC em uma ou mais traduções, apenas em 21 (9%) há emparelhamento de mesma classe. Esses dados se distribuem em 3 subtipos: 10 ocorrências de *emparelhamento com a forma proximal* (F1 e FI), como no Exc. 5

¹⁸ Usamos o sinal Ø para marcar ausência de forma correspondente ou trecho em relação às demais traduções.

acima; 10 ocorrências de *emparelhamento com a forma distal* (F3 e FII), como no Exc. 8 abaixo; e 1 ocorrência de *emparelhamento com variação* (distal em *I* mas proximal nas demais), como no Exc. 9 abaixo.

Exc. 8

- L*: et consolationem *illam* non sentiet de qua erat apostolus consolatus (f. 8r19-20)
I: Nenon sentira *quella* consolacione de la quale era consolato L'apostolo (f. 23v4-5)
F: et ne sentira *cele* consolacion de la quel li apostre estoit consolles (f. 314r36-37)
E1: ny sentira *aquella* consolacion de la qual era ell apostol sant pablo aconsolado (f. 13v16-17)
C: ne sintra *aquella* consolacio daquell apostol sent paul era consolat (f. 6va18-19)
E2: ni sentira *aquella* consolacion de la qual era consolado el Apostol (f. cxxxi-ra17-19)
P: nẽ sentira aquela cõsolaco da qual era consolado o apostolo (f. 14r10-11)

Exc. 9

- L*: Attende igitur o homo *hec* que legis (f. 8v2-3)
I: Adumque o homo considera *quelle cose* che tu leggi (f. 22v19-20)
F: Entent donques ostu homs *ces choses* que tu lis (f. 314r15-16)
E1: Para mientes pues o hombre en *esto* que lees (f. 13r15-16)
C: O hom guarde ben e entin *aquestes cosas* que ligs (f. 6rb23-25)
E2: O hombre guarda e entiendo bien *estas cosas* que lees (f. cxxx-vb33-34)
P: Oo homẽ esguarda e entende bem *estas cousas* que lees (f. 13v9-10)

A questão essencial é: por que justamente nesses 21 casos houve a permanência de DC em todas as traduções? Ou, mais propriamente, que funções são essas que exigem o uso específico de DC para sua expressão?

Os 21 dados distribuem-se entre 3 funções: (a) dêixis espacial exprimindo proximidade em relação ao falante (conforme Exc. 5), com 2 dados; (b) catáfora (introdutor de oração relativa) (conforme Excs. 8 e 9), com 10 dados; e (c) anáfora, com 8 dados. É interessante salientar que, dos 18 dados destas duas últimas categorias, 7 (4 de catáfora e 3 de anáfora) estão em contexto de contraste imediato, ou seja, estabelece-se uma oposição com diferentes recursos entre frases que se seguem imediatamente (seja em dois períodos consecutivos, seja em duas orações consecutivas de um mesmo período). Observa-se no Quadro 1 quais foram esses recursos (marcamos com R sobrescrito os termos que são introdutores de relativas):

Quadro 1 – Expressão da função de contraste imediato¹⁹

	Exc. 10	Exc. 11	Exc. 12	Exc. 13	Exc. 14	Exc. 15
<i>L</i>	<i>hec... ab illa</i>	<i>hic... ille^R</i>	<i>is^R... ille^R</i>	<i>iste... illo^R</i>	<i>qui... illi^R</i>	<i>facientes... illis^R</i>
<i>I</i>	<i>questa... da quella</i>	<i>questi... colui^R</i>	<i>colui^R... colui^R</i>	<i>questo... colui^R</i>	<i>chi... quelli^R</i>	<i>coloro^R... coloro^R</i>
<i>F</i>	<i>ceste... d'icelle</i>	<i>cis ci... celui^R</i>	<i>ci^R... celi^R</i>	<i>cis ci... cel^R</i>	<i>qui... ceuls^R</i>	<i>faisans... ceuls^R</i>
<i>E1</i>	<i>esta... de aquela</i>	<i>este tal... aque^R</i>	<i>el ciego^R... aque^R</i>	<i>este... aque^R</i>	<i>quien... aquellos^R</i>	<i>aquellos^R... aquellos^R</i>
<i>C</i>	<i>aquesta... dequella</i>	<i>aquest... cel^R</i>	<i>aquell^R... dequell^R</i>	<i>aquest... dequell^R</i>	<i>cel^R... aquells^R</i>	<i>aquells^R... aquells^R</i>
<i>E2</i>	<i>esta... da aquella</i>	<i>este... ∅</i>	<i>aquell^R... de aque^R</i>	<i>∅... de aque^R</i>	<i>∅... aquellos^R</i>	<i>aquellos^R... aquellos^R</i>
<i>P</i>	<i>esta... daquela</i>	<i>este... ∅</i>	<i>aquell^R... daquell^R</i>	<i>∅... daquell^R</i>	<i>∅... aquelles^R</i>	<i>aquelles^R... aquelles^R</i>

Fonte: Elaboração própria.

Exc. 15 (quadro 1)

- L:* Noli comparare *facientes* signa et prodigia et virtutes in mundo *illis* qui in solitudine sunt scienter (f. 3r8-10)
- I:* Non aguagliare *coloroche fanno* isegni et lemarauagle et le uirtudi nel seculo *adcoloro* che sono sauiamente insolitu dine (f. 14v3-7)
- F:* Ne ueilles mie comparrer *lesfaisans* signes merueilleus et vertus en monde *aceuls* qui sont sagement en solitude (f. 310r29-31)
- E1:* No fagas comparacion *de aquellos que fazen* senyales milagros e virtudes en el mundo *conaquellos* que discretamente y como deuen moran en la solitut (f. 5r17-19)
- C:* No vuller comparar *aquells qui* en lo mon *fan* grans senyals e mjracles *a aquells* qui sientalment son en soljtut (f. 2ra30-2rb2)
- E2:* No quieras ygualar *a aquellos que* en el mundo *fazen* milagros e virtudes e grandes marauillas *con aquellos* que studiosamente estan en apartado (f. cxxviii-va21-22)
- P:* Nom queiras Jgualar *aquelles* que en no mundo *fazẽ* milagres e uirtudes e grandes marauilhas *cõ aquelles* que studiosamẽte estam ã apartado (f. 7r2-4)

Dos dados apresentados no quadro 1, os 7 de emparelhamento de mesma classe são: os dois termos do Exc. 10, o primeiro termo do Exc. 11 e o segundo termo dos Excs. 12 a 15.

Uma vez que, mesmo nesse contexto de contraste imediato, não há uso categórico de DCs (basta conferir o primeiro termo do Exc. 6), deve-se necessariamente entender seu uso como um fenômeno variável. É possível imaginar que, como no contexto

¹⁹ Escusamo-nos de informar os fólhos de cada registro nesta tabela para evitar sobrecarga de informação e consequente dificuldade para sua leitura.

de contraste pode aparecer também a necessidade de introdutor de relativa, então haveria uma sobreposição de motivações levando a uma maior preferência pelo uso de DC nesse caso: essa sobreposição está presente nos termos emparelhados dos Excs. 11 a 16.

Emparelhamento de classes diferentes

Dos 244 pontos do texto com DC em uma ou mais traduções, em 115 (47%) há emparelhamento de classes diferentes.

Uma primeira questão de interesse é avaliar a produtividade dos DCs para a expressão do conjunto de funções que abarcam esses 115 pontos do texto. Os dados se distribuem da seguinte maneira:

Tabela 8 – Recursos para expressão de um mesmo conjunto de funções diferentes

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>E1</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
DC	23 (20%)	45 (39%)	28 (24%)	39 (34%)	52 (45%)	82 (71%)	73 (63%)
DNC	–	24 (21%)	27 (23%)	13 (11%)	30 (26%)	3(3%)	4 (3%)
Outros recursos	92 (80%)	46 (40%)	60 (52%)	63 (55%)	33 (29%)	30 (26%)	39 (34%)

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro resultado interessante da comparação é o fato de os demonstrativos de forma geral (DC e DNC) serem mais frequentes nas línguas românicas do que em latim.

Uma primeira explicação para essa profusão românica de demonstrativos está em parte na história da conjunção (Cj) latina: a maioria das conjunções era monossilábica e desapareceu, sendo sua função de articulador interfrasal assumida por locuções conjuncionais contendo demonstrativos.

Tabela 9 – Correspondências na função de articulador interfrasal (orações coordenadas e/ou adverbiais)

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>E1</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
Cj	27 (100%)	–	–	–	–	–	–
DC	–	–	–	–	–	25 (93%)	19 (70%)
DNC	–	21 (78%)	4 (15%)	–	22 (81%)	–	–
Outros recursos	–	6 (22%)	23 (85%)	27 (100%)	5 (19%)	2 (7%)	8 (30%)

Fonte: Elaboração própria.

Exc. 16

L: Perseuera legens in solitudine *ut* mens tua semper ad dei mirabilia de[d]ucatur (f. 2r24-25)

I: Perseuera in solitudine leggendo *adcio* kela tua mente sempre sia menata alle marauiglose cose di dio (f. 13r5-8)

- F*: Perceuer e en solitudine lisant *si queta* pensee soit toudis demenee aus merueilles de dieu (f. 312r8-9)
- E1*: Lee de contino en la soledat *porque* sea tu piensa siempre occupada en las marauillas de dios (f. 4r11-12)
- C*: perseuera ligent en la solitut *per ço que* la tua pensa sie tostemps endressade en les mereuelles de deu (f. 1va28-30)
- E2*: Perseuera leyendo en apartado *por esto queel* tu pensamiento sea todos tiempos traydo en las marauillas de dios (f. cxxij-rb8-11)
- P*: Perseuera senpre leendo em apartado *por tal que* teu penssamento seia todos tenpos tragido en nas marauilhas de deus (f. 6r1-3)

A tabela 9 tem como referência as conjunções e locuções conjuntivas que atuam como articuladores interfrasais para orações coordenadas e/ou adverbiais nos dados do latim nos casos de emparelhamento de classes diferentes e as formas correspondentes nas demais traduções. É notável como os demonstrativos foram recrutados para exercer função de articulador nas línguas românicas: nos dados de *L* não há uma só ocorrência de demonstrativo na função de articulador, enquanto nas línguas românicas há nítida prevalência em *I*, *C*, *E2* e *P*, apesar de não em *F* e *E1*. Dos 27 dados de articuladores de *L*, nada menos que 16 são da conjunção final *ut* (que não passou a nenhuma das línguas românicas): para exprimir essa função, a forma preferida em cada tradução é *adcio/ accio que/ke* em *I*, *si que* em *F*, *porque* em *E1*, *per ço que* em *C*, *por esto que* em *E2* e em *P*. Uma diferença relevante entre os dados das línguas românicas está no fato de DNC ser o demonstrativo preferido para a função de articulador em *I*, *F* e *C*, enquanto para *E2* e *P* é DC: como a função de articulador é expressa por locução conjuntiva com preposição, entende-se que o DNC não seja recrutado preferencialmente em *E2* e *P*, já que se trata de monossílabo átono e, portanto, incompatível com a função de complemento de preposição.

Uma segunda explicação está na expressão da função de introdutor de esclarecimento, que na maioria das línguas românicas foi reestruturada com um demonstrativo. Para evidenciar isso, apresentemos uma nova tabela, agora diferenciando os dados com essas funções em latim e seus correspondentes nas línguas românicas.

Tabela 10 – Correspondências na função de introdutor de esclarecimento

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>E1</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
DC	–	–	–	1 (50%)	–	2 (100%)	2 (100%)
DNC	–	2 (100%)	2 (100%)	–	2 (100%)	–	–
Outros recursos	2 (100%)	–	–	1 (50%)	–	–	–

Fonte: Elaboração própria.

Exc. 17

- L*: nisi fiat misericors supra iusticiam non est misericors *id est* quod hominibus non solum misereatur de propriis (f. 2r4-6)
- I*: se l homo misericordioso non e piu che giusto non. e misericordioso *cioe* che non solamente faccia misericordia altrui dele proprie cose (f. 12r12-16)
- F*: se tu nes mesericors outre iustice. *Cest* que nemie seusement tu faces misericorde de ton propre (f. 312r8-9)
- EI*: [si el miseri]cordioso no anduuiere sobre la iusticia fun[dado no] es misericordioso. *Esto es dezir* que no solo faga misericordia en los hombres de lo proprio (f. 3v5-7)
- C*: si no es misericordios sobre Justicia ell no es misericordios ço es que no tant solament aye merce de cosas proprias als altres (f. 1rb26-29)
- E2*: si no es misericordioso sobre la iusticia que no es misericordioso. *Esto es* que no tan solamente fagas merced e limosna de las cosas propias a los otros (f. cxxiiij-ra20-24)
- P*: sse nõ he mjsericordoso sobre a Justiça que nõ he misericordoso *esto he* que nom tam solamente aya mercee de cousas proprias aos outros (f. 5r22-5v1)

Nos dados de *L*, não há uma só ocorrência de demonstrativo para introdutor de esclarecimento, enquanto nas línguas românicas há nítida prevalência em *I*, *F*, *C*, *E2* e *P*, apesar de não em *EI*. Novamente vê-se o fato de DNC ser o demonstrativo preferido para introdutor de esclarecimento em *I*, *F* e *C*, enquanto para *E2* e *P* é DC: o DNC átono seria evitado, já que ocuparia a função de núcleo do sujeito do verbo *ser*.

Um terceiro fato que explicaria a menor frequência de demonstrativos no latim frente às línguas românicas está relacionado à expressão da função de agentivo, feita em *L* sobretudo através de participio presente (PPr). Curiosamente, apesar de o PPrter chegado às línguas românicas como forma mais nominal do que verbal, parece não haver seu recrutamento com o vigor que havia no latim. Em vários dados do *corpus*, há uma oposição entre o PPrno latim e uma estrutura com demonstrativo (principalmente seguido de relativa) em uma ou mais línguas românicas.

Tabela 11 – Correspondências na função de agentivo

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>EI</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
PPr	12 (100%)	–	7 (58%)	–	1 (8%)	1 (8%)	–
DC	–	10 (83%)	3 (25%)	7 (58%)	11 (92%)	11 (92%)	11 (92%)
DNC	–	–	2 (17%)	3 (25%)	–	–	1 (8%)
Outros recursos	–	2 (17%)	–	2 (17%)	–	–	–

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 11, vê-se que os 12 dados de *L* com PPr correspondem preferencialmente a estruturas com demonstrativo (seguido de relativa), exceto em *F*. Veja-se abaixo um grupo de dados que ilustra os diferentes tipos de correspondência:

Exc. 18

L: *ne nolentibus*²⁰ *intueri* res breviores (f. 5r26-27) [PPr]

I: *adicio che coloro che uoglion uedere* le cose suttili (f. 18r20-21) [DC + Relativa]

F: *pour ce que eus veulians regarder* le plus brief chose (f. 312r8-9) [PPr]

E1: *porque a los que las mas breues y menores cosas quisieren* profundamente *veer* (f. 9r5-6) [DNC + Relativa]

C: *per ço que cells qui encare no saben* les choses menors ne pus baxes (f. 4ra23-25) [DC + Relativa]

E2: *Por esto que aquellos que no saben: ni han comprehendido* las menores cosas (f. cxxix-va38-40) [DC + Relativa]

P: *E por que aquellas que ño sabem ñe comprehendem* as meores cousas (f. 10r7-8) [DC + Relativa]

Um quarto fato está relacionado à expressão da função de articulador interfrasal para orações substantivas, expressa pelo pronome relativo (PR) em relativa livre (sem antecedente) em *L*, com frequência correspondendo a demonstrativo com relativa nas traduções românicas.

Tabela 12 – Correspondências na função de articulador interfrasal (orações substantivas)

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>E1</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
PR	13 (100%)	5 (48%)	6 (46%)	5 (48%)	2 (15%)	2 (15%)	2 (15%)
DC	–	8 (62%)	3 (23%)	1 (8%)	8 (62%)	10 (77%)	10 (77%)
DNC	–	–	3 (23%)	6 (46%)	3 (23%)	1 (8%)	1 (8%)
Outros recursos	–	–	1 (8%)	1 (8%)	–	–	–

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 12, vê-se que os 13 dados de *L* com PR correspondem preferencialmente a estruturas com demonstrativo (seguido de relativa livre), novamente exceto em *F*. Veja-se abaixo um grupo de dados que ilustra os diferentes tipos de correspondência:

Exc. 19

L: *qui splendida diligit humiles cogitationes habere non potest* (f. 2v15-16)[PR]

I: *ki ama li splindidi uestimenti non puote auere humili cogitationi* (f. 13v13-15) [PR]

F: *qui aime choses resplandisans il ne puet auoir humbles cogitacions* (f. 310r6-7) [PR]

²⁰ Estimamos, com base em algumas traduções românicas, que a forma genuína fosse *volentibus* (“os que querem”), já que a ideia de negação estaria expressa na conjunção *ne*.

- E1: el que las cosas ricas e fermosas dessea y codicia: no puede hauer humildes cogitaciones* (f. 4v12-13) [DNC + Relativa]
- C: cell qui uol nobles uestirs no pot auer humjls cogitacions* (f. 1vb26-28) [DC + Relativa]
- E2: aquel que quiere aver nobles vestiduras no puede auer humildes cogitaciones* (f. cxxiiij-rb35-37) [DC + Relativa]
- P: aquel que quer auer nobres vestiduras nõ pode auer homjldosas cuydacones* (f. 6r23-6v1) [DC + Relativa]

Um quinto fato que explicaria a menor frequência de demonstrativos no latim frente às línguas românicas está relacionado à expressão da função de anáfora feita pelo pronome anafórico (PA) *is/ea/id* e seus pronomes de identidade (PI) correlatos *idem/eadem/idem* (FARIA, 1958): em 11 casos, a presença dessa forma no latim corresponde com frequência a demonstrativos nas línguas românicas.

Tabela 13 – Correspondências na função de anáfora

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>E1</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
PA/PI	11 (100%)	3 (27%)	3 (27%)	5 (45%)	2 (18%)	1 (9%)	2 (18%)
DC	–	3 (27%)	5 (45%)	–	4 (36%)	5 (45%)	3 (27%)
DNC	–	–	2 (18%)	5 (45%)	2 (18%)	1 (9%)	1 (9%)
Outros recursos	–	5 (46%)	1 (9%)	1 (9%)	3 (27%)	4 (36%)	4 (36%)

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 13, vê-se que os 11 dados de *L* com PA/PI correspondem preferencialmente a estruturas com demonstrativos (não necessariamente seguidos de oração relativa) em *F*, *C*, *E2* e *P*, exceto em *I* e *E1*. Veja-se abaixo um grupo de dados que ilustra diferentes tipos de correspondência:

Exc. 20

L: et ab eis elongauerit se omnino(f. 8r24-25) [PA]

*I: et da esse al postutto si dilunghera*²¹(f. 23v13) [PP3]

F: et sera de eus du tout eslongie (f. 314r1) [PP3]

E1: e del todo dalli adelante se apartare dellos (f. 14r2-3) [PP3]

C: es sera ben luyat dequells de tot (f. 6va29-30) [DC]

E2: e apartara assi mesmo de aquallas de todo en todo (f. cxxxi-ra28-29)[DC]

P: e apartar sy meesmo dellas de todo en todo (f. 14r19) [PP3]

Por fim, o sexto fato relevante que explicaria a menor frequência de demonstrativos no latim frente às línguas românicas está relacionado ao pronome intensivo (PI) *ipse/*

²¹ Embora *esse* derive historicamente de *ipsae* (pronome intensivo), considera-se que seja um pronome pessoal de 3ª pessoa (PP3) já no italiano medieval, tendo assumido da função de pronome intensivo as formas *stesso* (<*istu ipsu*) ou *medesimo* (<*metipsissimu*).

ipsa/ipsium (FARIA, 1958): em 9 casos, a presença dessa forma no latim corresponde com frequência a demonstrativos nas línguas românicas:

Tabela 14 – Correspondências na função de intensividade

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>EI</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
PI	9 (100%)	–	–	–	–	–	–
DC+PI	–	–	–	2 (22%)	–	–	–
DC	–	2 (22%)	7 (78%)	3 (33%)	4 (44%)	4 (44%)	2 (22%)
DNC	–	–	1 (11%)	–	–	–	–
Outros recursos	–	7 (88%)	1 (11%)	4 (44%)	5 (56%)	5 (56%)	7 (78%)

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 14, vê-se que os 9 dados de *L* com PI correspondem preferencialmente a estruturas com demonstrativos em *F* e *EI*, mas não em *I*, *C*, *E2* e *P*. Veja-se abaixo um grupo de dados que ilustra os diferentes tipos de correspondência:

Exc. 21

L: et postmodum *ipsi* qui uiuificarunt alios ad execrabilia vicia et horribilia ceciderunt (f. 3r28- 3v2) [PI]

I: et poi *essi* che anno uiuificati gl'altri sono caduti in cose maligne et orribili (f. 15r7-9) [Outro recurso: PP3]

F: et apres *ce* qu'il ont viuifies les autres sont cheus en pechiez aueulables et orribles (f. 310v14-15) [DNC]

EI: Empero despues al fin *essos mismos* que dieron vida a los otros cayeron en detestables vicios spantables e abhominables peccados (f. 5v20-6r1) [DC+PI]

C: E puy *ells* qui aujen los altres endressats cahegueren en greus ujcis e an greus peccats (f. 2va4-6)[Outro recurso: PP3]

E2: e despues *ellos mesmos* en feos pecados cayeron (f. cxxviiij-vb7-8)[Outro recurso: PP3+PI]

P: depois *elles meemos* ã feos peccados cairam (f. 7v2) [Outro recurso: PP3+PI]

Emparelhamento lacunoso

Dos 244 pontos do texto com demonstrativos em uma ou mais traduções, 108 (44%) apresentam emparelhamento lacunoso.

As lacunas permitem aventar a hipótese de casos de emparelhamento de mesma classe rompido pela ausência de dado em uma ou mais traduções; entretanto, dentre os 11 casos de DC em *L*, em apenas um essa hipótese procederia, pois nos demais, apesar de haver lacuna em uma ou mais traduções, ocorre outro recurso, excluindo esses dados de um hipotético emparelhamento de mesma classe.

Sendo assim, os casos de emparelhamento lacunoso são, na verdade, casos de emparelhamento de classe diferente, com a particularidade de haver lacuna em uma ou mais traduções. Os padrões repetem de certa forma o que foi apurado na seção anterior: há um maior uso de demonstrativos (DC e DNC) nas línguas românicas como correspondência, em *L*, a articulador interfrasal de orações coordenadas e/ou adverbiais (7 casos), introdutor de esclarecimento (5), agentivo (3), articulador interfrasal (orações substantivas) (2), anáfora (11) e intensividade (6).

Um caso específico pertencente a esse padrão é a ausência de determinante em *L*, mas sua presença como demonstrativo em uma ou mais traduções:

Tabela 15 – Correspondência na função de especificação

	<i>L</i>	<i>I</i>	<i>F</i>	<i>EI</i>	<i>C</i>	<i>E2</i>	<i>P</i>
Ausência	17 (100%)	6 (35%)	1 (6%)	4 (24%)	3 (18%)	2 (12%)	3 (18%)
DC	–	2 (12%)	4 (24%)	8 (47%)	6 (35%)	3 (18%)	3 (18%)
DNC	–	–	–	–	–	–	1 (6%) ²²
Artigo	–	9 (53%)	8 (47%)	5 (29%)	6 (35%)	10 (59%)	8 (47%)
Outros determinantes	–	–	2 (12%)	–	2 (12%)	2 (12%)	2 (12%)
Lacuna	–	–	2 (12%)	–	–	–	–

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 15, vê-se que os 17 dados de *L* sem determinante correspondem preferencialmente a estruturas com demonstrativos (DC e/ou DNC) apenas em *EI*, prevalecendo com artigos em *I*, *F*, *E2* e *P* e empatando os dois casos em *C*. De qualquer maneira, há uma oposição entre a prevalência de ausência de determinante em *L* frente às diferentes opções de expressão formal nas línguas românicas. Veja-se abaixo um grupo de dados que ilustra os diferentes tipos de correspondência:

Exc. 22

L: coronatur non Ø coronis que sunt in lege iustorum (f. 2r8)[Ausente]

I: sara coronato non *de le* corone ke sono nela legge de giusti (f. 12r19-20) [Artigo]

F: elle est courounee. nemie seulement *des* courounes qui sont en la loi de iustice (f. 309v 6-8) [Artigo]

EI: es coronado. no *de aquellas* coronas que son en la ley de los justos (f. 3v10-11) [DC]

C: es coronat. No solament *de les* corones qui son en la lig dels Justs (f. 1rb32-1va1)[Artigo]

E2: es coronado no solamente *delas* coronas que son en la ley de los iustos (f. cxxiiij-r27-28) [Artigo]

P: seeras coroado nõ tam solamente *das* coroas que som ãna ley dos Justos (f. 5v4-5) [Artigo]

²² Neste caso, o DNC não acompanha substantivo, mas sim introduz relativa: “cõprender o que ha de uijr por conhecimento dos entendimẽtos”.

O fato de haver com frequência ausência de recurso no latim sugere que a percepção da especificidade do referente seria realizada por via discursivo-pragmática (contexto interno e/ou externo) e não por via lexical (com um demonstrativo, por exemplo).

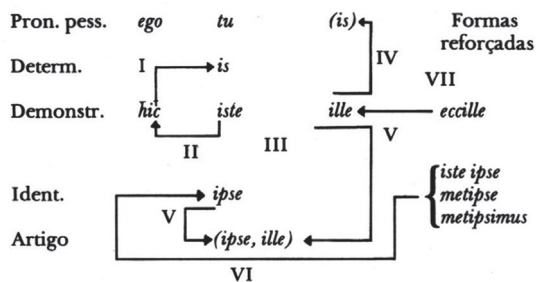
Na maioria dos demais casos de emparelhamento lacunoso, há a lacuna justamente nos dados de *L* (36 casos), impedindo que se façam generalizações proveitosas sobre o processo de mudança do sistema de demonstrativos do latim para as línguas românicas.

Discussão dos dados

Com base nos dados apurados, foi possível confirmar a hipótese de que os sistemas de demonstrativos terão se reestruturado no processo de mudanças linguísticas do latim às línguas românicas, não apenas em termos de *formas*, mas, sobretudo, em termos de *funções*.

As descrições da reestruturação do sistema de demonstrativos em termos de formas já foram apresentadas em diversas obras de linguística românica e apresentamos aqui uma síntese. De acordo com Väänänen (1995, p.212-213), o sistema de demonstrativos passou por uma reestruturação que compreendeu basicamente as seguintes mudanças: (a) o *is* desapareceu em função de sua brevidade (formal), tomando inicialmente seu lugar *hic*; (b) *hic* desapareceu em seguida, passando a exercer sua função *iste*; (c) *ipse* perdeu seu valor próprio, entrou em concorrência com *iste/ilie* e tomou o lugar de *idem*, ocupando ao final o posto de *iste* (originalmente, vinculado à 2ª pessoa). O largo emprego dos demonstrativos em função substantiva e adjetiva levou à perda de seu valor primitivo e gerou dois grandes processos de mudança envolvendo essencialmente o demonstrativo de 3ª pessoa *ille*: a criação de um pronome pessoal de 3ª pessoa, a partir de seu emprego em função substantiva, e a criação do artigo definido, a partir de seu emprego em função adjetiva. Väänänen (1995) assinala também que na língua empregada em conversas se reforçavam os demonstrativos *iste* e *ille* com a partícula anteposta ou prefixada *ecce* (e *eccum*). Wartburg (1975, p.138) esquematiza a reestruturação do sistema de demonstrativos da seguinte maneira:

Figura 2 – Reestruturação do sistema de demonstrativos



Fonte: Wartburg (1975, p. 138).

Os estágios da reestruturação são: I, *hic* toma o lugar de *is*; II, *iste* amplia seu escopo para a 1ª pessoa; III, *ipse* ocupa o lugar de 2ª pessoa (apenas em alguns lugares da România); IV, *ille* assume a função de pronome pessoal de 3ª pessoa; V, *ille* ou *ipse* (segundo a região) adquire a função de artigo; VI, novas estruturas são formadas para a expressão de reforço; e VII, uma forma de reforço (*eccille* ou *eccuille*) assume o lugar de demonstrativo de 3ª pessoa.

Maurer Jr. (1959), ao tratar dos demonstrativos no latim vulgar, chama a atenção para três fatos importantes:

(a) *Demonstrativos conservados*: dos seis demonstrativos do latim clássico (*hic*, *iste*, *ille*, *is*, *ipse* e *idem*), apenas três se conservariam no latim vulgar (*iste*, para 1ª pessoa; *ipse* para 2ª; e *ille*, para a 3ª na sua forma reforçada).

(b) *Reforço de demonstrativos*: no latim vulgar os demonstrativos com frequência foram reforçados com *ecce*, *eccu(m)* [*ecce* + (*h*)*un(c)*] ou ainda **accu* [*atque* ou *atque* + *eccu*].

(c) *Formas vulgares e sua declinação*: *ipse* e *ille* seguiriam a declinação de *iste*, já reduzida a nominativo, acusativo e genitivo-dativo.

O que descrições, como as anteriores (WARTBURG, 1975; MAURER Jr., 1959), não evidenciam é o fato de que houve também mudanças em termos de recrutamento dos demonstrativos para o exercício de certas funções.

Como se viu na seção anterior de descrição dos dados, os demonstrativos seriam menos frequentes em latim do que nas línguas românicas: isso se deve, segundo apurado aqui, ao recrutamento dos demonstrativos para exercer funções que em latim eram exercidas por conjunção (articulador interfrasal de orações coordenadas e/ou adverbiais), locução explicativa (introdutor de esclarecimento), participio presente (agentivo), pronome relativo (articulador interfrasal de orações substantivas), pronome anafórico e de identidade (anáfora), pronome intensivo (intensividade) ou ausência de recurso (especificação).

É curioso notar que em muitos casos a mudança parece confirmar a tendência de substituição de um padrão sintético por um analítico na formação das línguas românicas: isso se aplica à questão das conjunções (substituição de uma forma conjuntiva por uma locução, como, por exemplo, no caso de *ut* no latim por *per ço que* em catalão), dos participios presentes (substituição de uma forma verbo-nominal por uma perífrase, como, por exemplo, no caso de *volentibus* no latim por *coloro che uoglion* em italiano), dos pronomes relativos (substituição de uma forma pronominal por uma perífrase, como, por exemplo, no caso de *quino* latim por *aquel que* em português) e dos pronomes intensivos (substituição de uma forma pronominal por uma perífrase, como, por exemplo, no caso de *ipsi* no latim por *ellos mesmos* em espanhol). A redução formal levaria ao desaparecimento de uma forma e os falantes passariam a recrutar outra estrutura, mais complexa, discursivamente relacionada à função desempenhada pela forma que desapareceu, para tomar o lugar desta.

A questão é, no entanto, ainda mais curiosa, uma vez que, em certos casos, como o do particípio presente e do pronome relativo, houve a continuação histórica desses recursos, pois o particípio presente ainda existe nas línguas românicas, como forma nominal (*amante* no português), e também o pronome relativo (*quem* no português, derivado do acusativo do *qui* latino). Vê-se, portanto, que não se trata apenas de preencher lacunas, pois há também um processo de mudança na preferência de estruturas para exercer certas funções: catalão, espanhol e português possuem pronome relativo para iniciar oração subjetiva (respectivamente *qui*, *quien* e *quem*), mas, nos dados (Tabela 11), a forma preferida para representar o *qui* latino foi a perífrase com demonstrativo (respectivamente, *cell/aquell qui*, *aquel que* e *aquele que*). Uma possível explicação para essas preferências seria o princípio da isomorfia (uma forma para uma função): uma forma como *qui* no catalão, por ser homônima entre pronome relativo e pronome interrogativo, seria recrutada preferencialmente para uma dessas funções (no caso, a de interrogativo), sendo recrutada para outra função (a de relativo) a perífrase com demonstrativo. Complementar ao atendimento ao princípio da isomorfia nesse caso específico, haveria a necessidade de desambiguação: como *qui* no catalão, por exemplo, é interrogativo e relativo, poderia haver contextos em que haveria dificuldade para perceber de qual função de trataria e isso acentuaria uma tendência prévia de separar uma forma para cada função nesse caso.

Para comprovar rigorosamente a atuação do princípio da isomorfia na seleção dos demonstrativos será necessário um trabalho bem mais extenso, identificando todas as funções que os demonstrativos exercem e suas formas concorrentes. Os dados aqui apurados deixaram claro que a seleção dos demonstrativos é, na maioria dos casos, uma tendência, e não um processo categórico, o que significa ter de inserir na análise mais extensa uma perspectiva variacionista.

Uma última observação relaciona-se à questão metodológica deste estudo: o estudo de traduções apresenta algum viés que pode determinar certos padrões nos dados?

Uma primeira resposta é sim: basta conferir os padrões entre *E2* e *P* para verificar como o fato de a tradução portuguesa ter derivado da espanhola é uma das razões da semelhança na distribuição dos dados. Como exemplo, podem-se citar os dados da Tabela 12, em que *E1* e *E2* são radicalmente distintos (apesar de serem a mesma língua, o espanhol), mas *E2* está em perfeita sintonia com *C* (*E2* deriva de um modelo catalão) e com *P* (*E2* representa uma tradição que serviu de modelo a *P*). Deve-se considerar, no entanto, que *E1* e *E2* podem refletir diferenças dialetais: *E1* terá sido traduzido pelo frei catalão Bernardo Boil (c.1445-c.1520), que chega a dizer que sua tradução está em aragonês²³, enquanto *E2*, tendo sido publicada em Sevilha, pode refletir o dialeto dessa outra região. Em estudo prévio sobre *E1* considerando cinco aspectos fonológicos

²³ “*Pedistes me senyor en los dias passados: el nuestro Abbat ysach el qual yo por su maravillosa doctrina: y ensenyança / a ruego delos padres / y hermanos desta nuestra montanya en el comienço de mi conversion de latino hauia fecho Aragonés / o si mas querres Castellano no daquel mas apurado stilo dela corte,mas daquel llano que ala profesion nuestra segun la gente / y tierra donde moramos paraque le entiendan satisfaze.*” (f.Aij-v, l. 1-12; itálico nosso).

(CAMBRAIA, 2007), no entanto, não houve a detecção de nenhum traço propriamente aragonês, apenas do castelhano de forma geral.

É necessário salientar, entretanto, que a subordinação de uma tradução a outra não significou obediência absoluta aos padrões do modelo: veja-se, por exemplo, na tabela 9, que *E2* e *P* usam preferencialmente DC como recurso para locuções conjuntivas, mas não na mesma proporção, indicando assim que o tradutor de *P* foi capaz de desligar-se do seu modelo espanhol, para ser, quiçá, mais fiel ao seu próprio padrão linguístico.

Considerações finais

O estudo aqui realizado demonstrou que, ao lado de mudanças formais no sistema de demonstrativos do latim às línguas românicas, houve também mudanças funcionais, com o crescente recrutamento de demonstrativos para exercer funções que, no latim, eram exercidas por outros recursos.

A validação da hipótese das mudanças funcionais dos demonstrativos sugere que, em novos estudos, se deva priorizar o aspecto funcional na descrição desses elementos, buscando identificar não apenas as funções que exercem, mas, também, as formas que competem com os demonstrativos no exercício dessas funções, abrindo assim espaço para a inclusão da perspectiva variacionista na discussão sobre a história dessa classe de palavras.

Também interessante será realizar o mesmo estudo (comparativo, empírico e funcional) com dados das línguas românicas modernas, para avaliar se terá havido uma simples continuação das tendências medievais de preferência pelos demonstrativos em certas funções ou se essas funções terão passado a ser expressas por novas formas.

CAMBRAIA, C.; MELO, T. A. de; VILAÇA, C.; SALTARELLI, T. Demonstratives in medieval Romania: a comparative analysis in a functional perspective. *Alfa*, São Paulo, v.60, n.1, p.29-59, 2016.

- *ABSTRACT: This paper presents a comparative study of demonstratives in the medieval translation in different languages (Latin, Italian, French, Catalan, Spanish and Portuguese) of the same work (an ascetic treatise of Isaac of Nineveh) in a functional perspective. It was confirmed the hypothesis that the demonstrative systems were restructured in the language change process from Latin to Romance languages, not only in terms of forms but especially in terms of functions: the demonstratives began to perform functions which, in the Latin, were expressed by conjunction, explanatory phrase, present participle, relative pronoun, anaphoric and identity pronoun, intensive pronoun and even by the lack of formal resource. Finally, it was found that the context in which there was a major retention of the use of demonstratives is in the expression of immediate contrast.*

- **KEYWORDS:** *Historical linguistics. Romance linguistics. Functionalism. Demonstratives. Latin. Romance languages.*

REFERÊNCIAS

AVELLAR, J. **Tradição latino-românica do Livro de Isaac:** subsídios para uma edição crítica da tradução catalã. 2011. Relatório (Iniciação Científica) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BADÍA I MARGARIT, A. M. **Gramàtica històrica catalana.** 3. ed. València: Tres i Quatre, 1994.

BRUGMANN, K. Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen: eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung. **Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften**, Leipzig, n. 22, p. 1-50, 1904.

BÜHLER, K. **Sprachtheorie:** die Darstellungsfunktion der Sprache. Stuttgart: G. Fischer, 1934.

CAMBRAIA, C. N. Dulceça, dulçor, dulçura e dulcidom: um estudo de caso de variantes derivacionais no português medieval. **Estudos de Lingüística Galega**, Santiago de Compostela, v.2, p.37-56, 2010. Disponível em: <<http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/download/1507/1369>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. Demonstrativos nas traduções medievais espanholas do Libro Llamado Abbat Ysach. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 5.; CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISPANISTAS, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 2380-2388. 1 CD-ROM. Disponível em: <http://150.164.100.248/espanhol/Anais/anais_paginas_%202010-2501/Demonstrativos%20nas%20tradu%E7%F5es.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. **Libro llamado Abbat Ysach** (1489): aragonês e/ou castelhano?. Belo Horizonte, 2007. Comunicação apresentada no V Congresso Internacional da Abralín, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no período de 28 de fevereiro a 3 de março de 2007.

_____. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas: breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Org.). **Performance, exílio, fronteiras:** errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002. Disponível em: <<http://150.164.100.248/profs/cesarnardelli/data1/arquivos/2002-Cimbraia-Difusao.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. **Livro de Isaac**: edição e glossário. 2000. 753f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://150.164.100.248/profs/cesarnardelli/data1/arquivos/2000-Cambraia-Isaac.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

CAMBRAIA, C. N.; BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 35, p.15-35, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/35/artigo1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

CAMBRAIA, C. N.; LARANJEIRA, M. B. Tipologia dos erros na tradição latina do Livro de Isaac. **Caligrama**: revista de estudos românicos, Belo Horizonte, v. 15, p. 7-48, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/26/28>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

CAMBRAIA, C. N.; CUNHA, E. L. P. T. Tradição em língua catalã do Livro de Isaac. **Scripta Philologica**, Feira de Santana, n. 4, p. 119-167, 2008.

CAMBRAIA, C. N.; MELO, T. C. A de; VILAÇA, C. E. de L. Tradição latino-românica do Livro de Isaac: análise de alguns lugares-críticos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 10/11, p. 409-425, 2008/2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59832/62941>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

CAMBRAIA, C. N.; VILAÇA, C. E. de L; MELO, T. C. A. de. Unidade lexical e unidade cultural: o léxico românico de religião em traduções medievais. **Traduções**, Florianópolis, v. 5, p. 22-39, 2013. Disponível em <<http://www.incubadora.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/2557/3233>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

DEES, A. **Étude sur l'évolution des démonstratifs en ancien et en moyen français**. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1971.

DIESEL, H. **Demonstratives**: form, function and grammaticalization. Amsterdam: Benjamins, 1999.

DIXON, R.M.W. Demonstratives: a cross-linguistic typology. **Studies in Language**, Amsterdam, v.27, n.1, p.61-112, 2003.

FARIA, E. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FRANÇA, C.S. **Edição e estudo linguístico das traduções em línguas ibero-românicas do tratado ascético-medieval Livro de Isaac**: subsídios para o estudo da tradução espanhola. 2004. Relatório (Iniciação Científica) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2 v.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GODEFROY, F. **Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e siècle**. Paris: F. Vieweg, 1885.

KELLER, R. M. Iste deiktikon in the early roman dramatists. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 77, p. 261-316, 1946.

LAUSBERG, H. **Lingüística románica**. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981.

MARCHELLO-NIZIA, C.; PICOCHÉ, J. **Histoire de la langue française**. Paris: Nathan Université, 1998.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FAPERJ: DP&A, 2003. p.17-28.

MAURER JR., T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

_____. **A unidade da România ocidental**. São Paulo: Edusp, 1951.

MELO, T. C. A. **Livre d'Isaac Abbé de Syrie (cód. lat. 14891 da BNF)**: edição e glossário. 2010. 370f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://150.164.100.248/poslin/defesas/1233D.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OUY, G. **Les manuscrits de l'Abbaye de Saint Victor**: catalogue établi sur la base du repertoire de Claude Grandrue (1514). Turnhout: Brepols, 1999. 2 tomos.

VÄÄNÄNEN, V. **Introducción al latín vulgar**. 3. ed. 1. reimpr. Madrid: Gredos, 1995.

VILAÇA, C. E. de L. **Libro dell'Abate Isaac di Siria**: edição crítica e glossário. 2012. 345f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://150.164.100.248/poslin/defesas/1152D.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

_____. **Libro dell'Abate Isaac di Siria (cód. ricc. 1489 da BRF)**: edição e confronto com a edição princeps de 1500. 2008. 418 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://150.164.100.248/poslin/defesas/1152M.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

VOTRE, S.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.51-62

WARTBURG, W. von. **Problemas e métodos da linguística**. São Paulo: Difel, 1975.

Recebido em fevereiro de 2015

Aprovado em abril de 2015

